



UFOP



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTE E CULTURA – IFAC
DEPARTAMENTO DE ARTES – DEART

JÚLIO MOURÃO DE PAIVA

APRESENTAR-SE (?): PROPOSTAS, DESAFIOS E REFLEXÕES SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA E IDENTIDADE DE ALUNOS NA
AULA DE ARTE

Ouro Preto-MG
2022

JÚLIO MOURÃO DE PAIVA

APRESENTAR-SE (?): PROPOSTAS, DESAFIOS E REFLEXÕES SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA E IDENTIDADE DE ALUNOS NA
AULA DE ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Artes Cênicas do Instituto de
Filosofia, Arte e Cultura da Universidade Federal de
Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Artes Cênicas.
Orientador Prof. Me.: Paulo Maffei

Ouro Preto – MG
2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Júlio Mourão de Paiva

Apresentar-se? Propostas, Desafios e Reflexões sobre o desenvolvimento da autonomia e da identidade dos estudantes na aula de Arte

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovada em 31 de outubro de 2022.

Membros da banca

[Mestre] - Paulo Ricardo Maffei de Araújo - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Doutor] - Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Doutora] - Neide das Graças de Souza Bortolini - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Paulo Ricardo Maffei de Araújo, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/02/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, COORDENADOR(A) DE CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**, em 02/02/2023, às 17:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0468432** e o código CRC **A2B3A22F**.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer a todos os professores que passaram por minha vida durante minha jornada, meu mundo foi mudado por vocês e vocês também são parte de mim agora.

Agradeço ao meu orientador Paulo Maffei pela oportunidade e apoio durante todo o processo de construção desse TCC.

Agradeço às minhas amigas de Guaxupé, Alice e Rayssa, e às minhas amigadas de Ouro Preto, Jéssica, Wellington e Vivian por todo carinho, convivência e apoio recebido durante esses anos, obrigado por tudo.

Agradeço imensamente à Vanessa, sua segurança foi o que possibilitou a existência desse trabalho.

Agradeço também a meus pais, Amir e Maria Isabel, e à minha irmã, Gabriela, por todo suporte dado durante todos esses anos nessa caminhada. À minha vó, Maria do Carmo, eu agradeço por me inspirar sempre a ser quem sou.

Por fim, agradeço especialmente ao Jonas e à Mariana, por terem mantido minha cabeça no lugar com muito afeto e amparo – meus dias não seriam os mesmos sem vocês.

[...] respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.

(Italo Calvino)



UFOP



APRESENTAR-SE (?): PROPOSTAS, DESAFIOS E REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA E IDENTIDADE DE ALUNOS NA AULA DE ARTE

JÚLIO MOURÃO DE PAIVA

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo investigar como o ensino de arte pode ser utilizado como um processo de construção, reflexão e expressão da identidade em crianças de 10 anos. Para isso, realizou-se uma análise das experiências docentes do autor numa escola particular da cidade de Ouro Preto (MG) com alunos(as) das turmas do 5º ano da instituição, nas quais foram realizados trabalhos pensados a partir da obra do artista Arthur Bispo do Rosário (1909/1911-1989). A partir das teorias do sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017) sobre a identidade na modernidade e da proposta de Ana Mae Barbosa (1936-) chamada de Abordagem Triangular, pretende-se entender e analisar as dificuldades e possibilidades do docente da disciplina de Arte em realizar um planejamento didático com o foco na expressão, autonomia, identidade e reflexão própria dos(as) alunos(as) sobre suas subjetividades e sensibilização perante o mundo.

Palavras-Chave: Construção da identidade; Arthur Bispo do Rosário; desafios na Escola; Abordagem Triangular.



1. Introdução:

Como o ensino de artes pode auxiliar os alunos(as) a entenderem, expressarem e desenvolverem de forma mais consciente suas identidades? E como que esse desenvolvimento pode os ajudar a encontrar autonomia nas suas vidas, principalmente nesse momento de fim da infância no qual se encontram? Essas perguntas surgiram quando eu realizava os estágios obrigatórios de regência pedagógica I e II na escola Centro Educacional Ouro Preto¹ (CEOP), com os(as) alunos(as) do 5º ano do ensino fundamental I e foram o mote para um trabalho de pesquisa pedagógica que foi pensado e realizado concomitantemente à escrita desse artigo.

A Base Nacional Comum Curricular² (BNCC) aponta algumas respostas acerca do que me perguntei durante esse tempo nos estágios. Logo no início, está colocado que “a sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte.” (BRASIL, 2018, p.193). Sendo assim, o ensino de Arte está pensado para trabalhar e desenvolver questões relacionadas com a subjetividade dos(as) alunos(as), o que me proporcionou maior embasamento em minha investigação dessas questões. O documento traz a expressão como uma das dimensões do conhecimento da disciplina de Arte, estando intrinsecamente relacionado com as subjetividades e individualidades dos(as) alunos(as):

Expressão: refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades. (BRASIL, 2018, p.194)

Além disso, uma das competências específicas da Arte para o Ensino Fundamental, é: “desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.” (BRASIL, 2018, p.198). Ainda sobre a autonomia, a BNCC aponta que:

¹ O Centro Educacional Ouro Preto é uma escola cooperativa de ensino particular localizada no bairro Vila dos Engenheiros, em Ouro Preto, MG, que possui turmas desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental II.

² A BNCC é “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.” (BASE NACIONAL COMUM. Base Nacional Comum Curricular, c2018. Página inicial. Disponível em:< <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> >. Acesso em: 15 de out. de 2022.

Espera-se que o componente Arte contribua com o aprofundamento das aprendizagens nas diferentes linguagens – e no diálogo entre elas e com as outras áreas do conhecimento –, com vistas a possibilitar aos estudantes maior autonomia nas experiências e vivências artísticas. (BRASIL, 2018, p. 205)

Desta forma, como podemos ver, o ensino de Arte na Educação Básica vem sendo vivido, pensado e modificado de forma a abarcar as questões que levantei anteriormente. Porém, mesmo com o(a) Professor(a) seguindo o que está escrito na BNCC, não existe uma metodologia pré-estabelecida para o trabalho docente em Arte, cada Professor(a) deve realizar suas atividades da melhor forma que desejar e/ou encontrar.

Durante o ano de 2022, realizei meus dois Estágios de Regência Obrigatória³ no CEOP e um dos fatores que me atraiu para a Escola, é o fato que na matriz curricular possuir três das quatro áreas abrangidas pela disciplina de Arte⁴: Artes Visuais, com aulas desde a Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental I, Música, que abrange todas as turmas da Escola, desde a Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental II e Teatro, que envolve apenas o Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano e cada uma dessas disciplinas possui Professores(as) distintos – dois pra Música, um atuando na Educação Infantil e Fundamental I enquanto o outro apenas leciona para o Fundamental II, um para Teatro e uma para Artes Visuais. Sendo assim, realizei meu Estágio de Regência Obrigatória I de abril a junho de 2022 nas disciplinas de Artes Visuais e Teatro e de agosto a outubro, acompanhei somente as aulas de Artes Visuais durante meu Estágio Regência II. Vale ressaltar que outros(as) estagiários(as) do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto realizaram estágio ao mesmo tempo que eu na escola, tanto nas aulas de Teatro, quanto nas aulas de Artes Visuais.

Foi durante o Estágio Regência I que passei a acompanhar a turma do 5º ano do Ensino Fundamental e a perceber algumas situações em relação aos(às) alunos(as), como, por exemplo, ao explorarmos certos Jogos Teatrais nas aulas de Teatro, o fato deles não conseguirem se afastar de referências que nós, estagiários, realizávamos nas demonstrações dos jogos: se exemplificássemos uma árvore azul, todos os exercícios dali em diante teriam uma árvore azul.

³ Estágio Regência compõe a matriz curricular do curso de Licenciatura em Artes Cênicas e é pré-requisito parcial para a formação do licenciando.

⁴ A disciplina de Arte também abrange a área da Dança, que não está presente no currículo da Escola em questão.

Quando passei a acompanhá-los nas aulas de Artes Visuais a partir de agosto, percebi outras maneiras que o problema da falta de autonomia era manifestado por eles: em uma aula, pedimos que aqueles que ainda não haviam trazido o material específico para trabalhar, realizassem desenho livre, com os materiais disponíveis na sala de Artes Visuais porém alguns(mas) alunos(as) simplesmente não conseguiram fazer nada até que o outro estagiário⁵, que regia as aulas comigo, sugerisse o que eles poderiam desenhar. Além desses exemplos da falta de autonomia dos(as) alunos(as), também percebi que eles(as) possuíam dificuldades ao se expressarem sobre si mesmos(as) ou sobre suas situações pessoais, o que ocorria constantemente nas aulas de Teatro, que os jogos improvisacionais se mostravam sempre impessoais e cotidianos, mesmo quando interferíamos com comandos; já nas aulas de Artes Visuais e no convívio cotidiano com eles(as), pude perceber que eles tinham dificuldade para responderem perguntas sobre suas vidas e para se utilizarem da Arte como uma forma de expressão, de maneira geral, todos da turma sempre escolhiam a maneira que acreditavam ser a mais rápida e fácil de realizar os exercícios nas aulas.

Assim, passei a indagar sobre como os(as) alunos(as) se pensam, como se veem, quais são seus atravessamentos, os porquês de serem quem são, ou seja: quais são as suas identidades? Por exemplo, minha infância solitária, crescer numa cidadezinha do interior de Minas Gerais, os afetos da minha avó, os livros da minha mãe tinha e as canções que meu pai ouvia fazem parte da minha história e da minha identidade, pois foram algumas das bases que possibilitaram que eu pudesse ir me construindo.

O que o que chamo de identidade, não se trata de algo extremamente fixo, mas sim de marcas e características de vivências, memórias, hábitos e etc., que ao serem percebidas e compreendidas nos caracterizam enquanto sujeitos. Compreendo que todos nós estamos sempre em processos de construções, porém há que se considerar que crianças estão exatamente em um momento muito intenso dessa construção. Nesse sentido, os alunos com os quais eu trabalhei são crianças que estão em pleno desenvolvimento de suas identidades. Assim, ao buscar estimular a percepção para as identidades dos estudantes, a minha intenção era a de que eles abrissem uma percepção para si próprios.

⁵ Pedro Methner Baldin.

A identidade, para Zygmunt Bauman⁶ (1925-2017), está longe de ser algo fixo e de absoluta construção interna pessoal, mas é, na verdade, um processo de construção constante, com grande plasticidade, maleabilidade e instabilidade, já que as próprias sociedades no mundo moderno capitalista e globalizado possuem fronteiras menos evidentes das que poderiam ser observadas anteriormente. Como podemos ver, para o sociólogo:

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não tomou, porém, uma firme posição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma sólida, exuberante e imutável identidade. Só transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização — fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo. (BAUMAN, 1998, p.28)

Dessa forma, os indivíduos estão sempre em constante processo de construção identitária, em resposta a esses diálogos multiculturais incessantes, que trazem informações e contextos em contínuo e rápido estado de reformulação, impossibilitando a estabilidade. Bauman aponta que essa instabilidade é a norma, já que, assim como em outros aspectos da vida moderna, não há solidez, apresentamo-nos como líquidos, assim o desafio não é mais a construção da identidade, mas o impedimento de torná-la sólida:

E desse modo a dificuldade já não é descobrir, inventar, construir, convocar (ou mesmo comprar) uma identidade, mas como impedi-la de ser demasiadamente firme e de aderir depressa demais ao corpo. A identidade durável e bem costurada já é uma vantagem; crescentemente, e de maneira cada vez mais clara, ela se torna uma responsabilidade. O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se — mas evitar que se fixe. (BAUMAN, 1998, p. 111)

Com a liquidez das relações, como pode ser possível, então, a construção de uma identidade, ao considerar que não seja possível fixar uma identidade, já que ela sempre se encontra em permanente estado de fluxo, por todos os atravessamentos que acontecem no decorrer da vida? De que forma eu poderia contribuir para que os(as) alunos(as) tenham meios para lidar com situações vindas da condição de liquidez da vida moderna?

Enquanto refletia sobre isso, a Escola executava seu projeto pedagógico multidisciplinar para o ano de 2022: o projeto pedagógico multidisciplinar, é um programa anual que tem em vista que os(as) Professores(as) trabalhem com os alunos(as)

⁶ Zygmunt Bauman foi um filósofo e sociólogo polonês que ficou conhecido por suas reflexões acerca da liquidez da vida moderna, assunto sobre o qual escreveu uma vasta obra. Foi professor emérito das universalidades de Leeds e Varsóvia.

propostas relacionadas a um tema escolhido pela coordenação pedagógica da Escola durante o ano letivo para serem apresentadas em uma Mostra de Projetos que acontece no final do ano letivo e que neste ano tem como tema uma homenagem ao centenário da Semana de Arte Moderna de 1922⁷. Fui informado em abril, pela Professora, sobre ele e a partir daí busquei aliar as temáticas das minhas práticas de regência em relação ao projeto, pois acreditei que, assim, encontraria menos barreiras em relação à Escola para realizar as atividades, tanto da parte institucional quanto na relação com os(as) alunos(as), visto que acreditei que encontraria menor resistência por parte dos(as) estudantes ao realizar atividades que possuíssem algo em comum com o que seus(suas) Professores(as) estavam trabalhando e, da parte da instituição, por estar realizando um trabalho diretamente relacionadas a uma proposta que partiu da coordenação pedagógica.

Vale ressaltar também que escolhi a disciplina de Artes Visuais e não a de Teatro para trabalhar com os(as) alunos(as) pois, ao longo dos meses que realizei estágio docência no CEOP, desenvolvi uma relação mais próxima em relação à Professora regente da disciplina e dessa forma me senti mais confortável em pensar minhas atividades para serem realizadas na disciplina de Artes Visuais. Além disso, pelo caráter do projeto pedagógico multidisciplinar da escola, sobre o qual comentarei mais à frente, acreditei que na disciplina de Artes Visuais teria um maior escopo de possibilidades a serem realizadas.

A ideia que eu gostaria de trabalhar com os estudantes não surgiu de uma vez, assim passei por constantes reformulações em meus planejamentos até chegar na temática abordada nesse artigo. Já no segundo semestre de 2022, enquanto ainda refletia sobre as situações com os(as) alunos(as), a Professora de Artes Visuais, Vanessa, quis planejar conosco, estagiários, o que seria interessante de fazermos em relação a esse projeto pedagógico. Ela nos informou que gostaria de trabalhar com artistas visuais que fossem para além de Anita Malfatti e Victor Brecheret, nomes que mais associamos, direta ou indiretamente, à semana de 1922. Nesse sentido, ela disse que gostaria de trabalhar, de alguma forma, com artistas como Luiz Sacilotto e Hélio Oiticica⁸, mas dentre os diversos

⁷ A semana de Arte Moderna de 1922 foi um evento de Arte considerado um marco para o Modernismo brasileiro que reuniu escritores, músicos e artistas visuais, como Mário de Andrade, Heitor Villa-Lobos e Anita Malfatti, no Theatro Municipal de São Paulo durante fevereiro daquele ano.

⁸ A Professora escolheu esses artistas que são posteriores ao movimento da Semana de Arte de 1922 por apresentarem liberdades e inovações artísticas que mostram as reverberações do movimento modernista na Arte pós-Moderna e Contemporânea.

nomes apresentados pela Professora, chamou a minha atenção o de Arthur Bispo do Rosário (1909/11-1989).

Esses artistas, de temporalidades, poéticas e estéticas distintas possuem atributos em comum entre si estão, de alguma maneira em conversa com a Semana de Arte de 1922 e o(s) movimento(s) Modernista(s) brasileiro(s): a Semana de 22, direta ou indiretamente desdobrou em diversas influências no que viria a ser chamado de “Modernismo no Brasil” e que desembocou nos movimentos da Arte Contemporânea brasileira, que insere a maior parte desses artistas. Além disso, existem outros pontos partilhados pelos artistas, como o escape a representação mimética, o uso das formas geométricas, o uso do objeto como modo de experimentação, entre outros.

Assim, ao refletir sobre essas situações com os(as) alunos(as), passei a pensar em possíveis práticas pedagógicas que poderiam trabalhar essas questões, utilizando-me das poéticas e estéticas dos artistas, de modo a desenvolver atividades com os(as) alunos(as) que visassem exercitar a relação com as suas subjetividades e a forma de expressá-la, com intuito de que pudessem trazer à tona suas questões subjetivas e assim desenvolver a autonomia e suas identidades.

Porém, no decorrer do semestre, apesar do meu preparo e cuidado, as situações muitas vezes fugiram ao meu controle. Constantemente precisei repensar as atividades e regências para conseguir ter uma prática na sala de aula. Os inúmeros problemas e questões surgidos nesse processo acabaram se tornando um dos objetos de pesquisa desse artigo.

Assim, na escrita desse texto irei apresentar, primeiramente, todos os meus planejamentos e reflexões acerca do trabalho que gostaria de ter realizado, e depois, uma análise de tudo o que precisou ser redimensionado, ou que até mesmo não aconteceu, da maneira planejada, pelos diversos fatores que atravessaram a minha prática de regência.

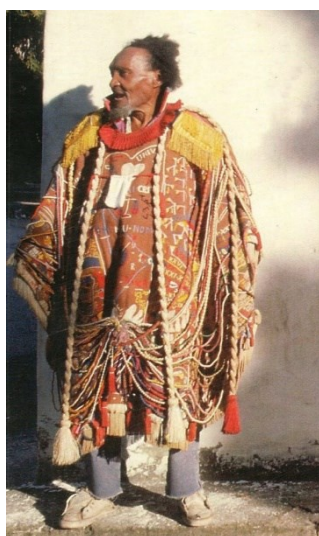
2. Bispo do Rosário: seu manto, seu dicionário, seus mapas

O primeiro contato com a obra de Bispo do Rosário foi, para mim, uma experiência muito potente. Há alguns meses fui presenteado com uma edição mais recente do livro “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, e a capa desta edição trata-se de uma adaptação do avesso do “Manto de Apresentação” do artista, conhecido como “Dicionário de nomes”. Apesar de ser uma adaptação de uma obra de Bispo Rosário, os nomes das personagens roseanas, bordados no manto, causaram grande fascínio em mim.

experimentada e de sua mais convicta interioridade místico-visionária, expressas na sua reconstrução do universo. Os registros ganham uma outra dimensão enquanto registro enciclopédico, pois o ato de colecionar reconfigura o objeto colecionado, impregna-o de subjetividade e tira-o de sua função inicial. Bispo apresenta em sua obra uma nova realidade de objetos re-substancializados, tirados de sua circulação e manipulação cotidianas. (FILHO, 2007, p. 63-64)

A obra de Arthur Bispo do Rosário o consagra como um dos maiores artistas de Arte Contemporânea Brasileira, tornando-o conhecido e estudado por uma enormidade de pesquisadores de diversas áreas: arte, psicologia, literatura, etc. É uma imensa obra que o artista realizou durante sua internação na Colônia Juliano Moreira, realizada num projeto pessoal e messiânico de reconstrução do mundo., composta por mais de 1500 peças de diferentes naturezas, de acordo com o Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea. Dessa forma, fui motivado a pensar em atividades parecidas para os(as) alunos(as), por causa do trabalho do artista com materiais cotidianos de forma tão pessoal e poética. Assim, passei a pensar em possibilidades de trazer o cotidiano pessoal dos estudantes para trabalharmos em sala de aula.

Figura 2: o artista e seu manto



Fonte: Foto de Walter Firmo retirada do site do Museu Bispo do Rosário.¹⁰

A obra e pessoa de Bispo do Rosário apresentam-se diretamente como resposta para as vicissitudes da vida moderna, com suas problemáticas e atravessamentos: o artista e seus trabalhos, em suas construções múltiplas de recortes de sua própria vida se apresentam eternamente destacados e não podem ser confundidos com outros. Eis aí um

¹⁰ Disponível em: <<https://museubispodorosario.com/o-manto-de-bispo/>>. Acesso em: 25 de out. de 2022.

paradoxo entre a construção da identidade e a impossibilidade desta construção: o trabalho do Bispo traga em si justamente este paradoxo, ou seja, na mesma medida em que sua obra não apresenta um enunciado fixo e ordenado, possui algumas características que se tornam marca estética de sua obra, na mesma medida que podemos perceber uma identidade em seu trabalho, enxergamos nessa identidade um pluralismo de marcas heterogêneas que não visam uma identidade pronto e acaba, mas sim em devir. Nesse sentido, a minha proposta para/com meus(minhas) alunos(as) era a de que estes(as) encontrassem marcas, detalhes, memórias que pudessem compor essa identidade, fazendo com eles(as) abrissem suas percepções para si ao mesmo tempo que na prática artístico-pedagógica essas identidades pudessem não ser fixas, bem como a obra do Bispo, ou seja, que eles(as) pudessem perceber-se enquanto sujeitos também em devir.

Como aponta Alda de Moura Macedo Figueredo em sua dissertação de mestrado “Manto da Apresentação: Arthur Bispo do Rosário em diálogo com Deus”, ao fazer uma ligação entre o artista e o filósofo Zygmunt Bauman:

ocorre que, em todo tipo de sociedade, a individualidade tende a ser um privilégio cobiçado, estritamente vigiado e guardado, de que poucos usufruem. Ser um indivíduo significa destacar-se na multidão; ter um rosto reconhecível e ser conhecido pelo nome; evitar ser confundido com quaisquer outros indivíduos e assim preservar sua própria *ipséité*¹¹ (BAUMAN, 2008, apud FIGUEREDO, 2010)

Bispo do Rosário, mesmo institucionalizado, não deixa de preservar a sua *ipséité*, na verdade, é dentro do manicômio que o artista realmente passa a se representar, representar seu mundo e sua história, pois é pela Arte em seu projeto de vida que o artista sobrevive e se sobressai aos horrores do sanatório. Assim, um homem que não fazia arte pensando num projeto poético, mas sim em um projeto messiânico de vida, que foi visto como “louco” e aprisionado por isso, que se apresentou perante o mundo com força e brilho descomuns, que via poesia nos aspectos mais mundanos da existência me inspira e atravessa profundamente com sua identidade ímpar. Assim, a “presença” de Bispo do Rosário tornou-se, então, para mim, a “presença” de uma possibilidade pedagógica única, de uma oportunidade distinta de trabalho educacional que poderia oferecer, aos estudantes, o poder da autonomia e de se apresentarem, apesar das mudanças e

¹¹ “Termo filosófico que significa aproximadamente ‘o poder de um sujeito pensante de representar a si mesmo independentemente das mudanças físicas e psicológicas que possa vir a sofrer ao longo da sua existência’”. (FIGUEREDO, 2010, p.69)

interferências da vida, mantendo-se destacados naquilo que lhes é essencial, em contraposição às vicissitudes do mundo presentes nas sociedades modernas, fazendo com que, assim, possam se tornar inconfundíveis, preservando a si mesmos.

3. Planejamento e abordagem triangular:

Ao planejar as minhas atividades de regência e, conseqüentemente, o projeto de pesquisa pedagógica desse artigo, primeiramente, pensei em realizar uma seqüência de cinco aulas com atividades pedagógicas pensadas a partir da obra de Arthur Bispo do Rosário e de Hélio Oiticica (1937-1980), mas acabei reformulando meu planejamento pedagógico para abarcar nas práticas, apenas atividades com relação à obra de Bispo do Rosário, pois senti que com o tempo curto e problemas que foram surgindo, não poderia tratar de ambos os artistas de forma satisfatória.

Nesse sentido, os exemplos da obra de Hélio Oiticica foram usados apenas de exemplo no início das atividades como um contraponto ao outro artista para demonstrar como a relação Arte-Vida pode ser expressa de maneiras muito distintas. Porém, com o decorrer do semestre, não pude iniciar minhas práticas quando pensei que seria possível, dessa forma achei melhor manter as atividades que havia pensado, mas reorganizando-as para serem realizadas em quatro aulas ao invés de cinco. Porém, por problemas externos a mim, foi necessário realizar outras atividades, demandadas pela Escola, o que me permitiu desenvolver apenas três aulas voltadas para o meu planejamento.

Apesar dos pesares, as aulas foram pensadas para serem um reflexo das obras de Bispo do Rosário: seu manto, seu dicionário, seus mapas. Escolhi esse título para o planejamento porque essas obras o artista, frente e verso dos seus Mantos de Apresentação e os mapas presentes em seus Estandartes, foram confeccionadas com materiais comuns, mesmo que o comum, para Bispo do Rosário, tenha sido o tecido dos pijamas do manicômio, de maneira artesanal e com muita expressividade e simbolismo, me possibilitando então vislumbrar um algum tipo de trabalho similar ao do artista com materiais cotidianos que são trabalhados para encherem-se de sentido e poesia.

Dessa forma, meu planejamento foi o de pensar as atividades de maneira a possibilitar aos(às) alunos(as) que refletissem sobre e expressassem suas individualidades e subjetividades a partir do desenvolvimento das práticas realizadas em sala. A principal delas seria a criação de uma peça de vestuário, que já fosse utilizada em seus cotidianos, com múltiplos materiais para poderem expressar quem são, pensada a partir do “Manto

de apresentação” do artista. Outras práticas planejadas foram: o jogo da apresentação, pensado como exercício de preparação para as customizações; e a criação por desenho de mapas afetivos, pensados como uma adaptação de alguns estandartes do artista, nomeados pelo Museu Bispo do Rosário como “Lembranças dos Passos”.

Figura 3: estandarte-obra “Colônia Juliano Moreira – Reconheceram o Filho de Deus¹² (Frente)”



Fonte: site da Revista Época.¹³

A abordagem triangular, proposta por Ana Mae Barbosa, esteve em minha mente durante o planejamento das atividades a serem realizadas. Para a autora: “a Proposta Triangular designa ações como componentes curriculares: o fazer, a leitura e a contextualização” (BARBOSA, 1998, p. 37). Dessa forma, minhas práticas foram pensadas para, primeiramente, apresentar (contextualizar) os artistas, Hélio Oiticica e Bispo do Rosário¹⁴, e algumas de suas obras para os(as) alunos(as) destacando para os

¹² “A obra de Arthur Bispo do Rosário foi produzida para apresentar o mundo a Deus através de uma ritualização e reordenação desse universo conhecido. O inventário é composto de objetos, bordados e palavras. Com isso, Bispo projetou um mundo perfeito, onde mazelas, doenças e tristezas não existiriam. Ele projetou um anti-manicômio. Dentro desse inventário há um conjunto de estandartes com mapas bordados sobre lugares que o artista conheceu e imaginou. A memória dos próprios passos e a imaginação dos próximos que seriam dados foram elementos de inspiração à construção dessas obras, feitas com os lençóis da Colônia Juliano Moreira.” (Disponível em: <https://museubispodorosario.com/lembrancas-dos-passos/>.) Acesso em: 03 de dez. de 2022

¹³ Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/vida/noticia/2015/04/loucura-de-arthur-bispo-do-rosario.html>>. Acesso em: 25 de out. de 2022.

¹⁴ Apesar de ter pensado em trabalhar com ambos os artistas juntamente, ambos se expressaram de maneiras artísticas muito distintas: a obra de Oiticica possui um caráter experimental e interativo, como coloca a página do artista na enciclopédia do Itaú Cultural: “Com seu desejo constante pela experimentação e sua preocupação com o ambiente, constrói uma obra diversa e ao mesmo tempo única, capaz de afetar o público da forma como ele deseja, convidando-o a ser parte da obra, o que ilustra também a sua crença de que arte e vida se mesclam. A obra de arte, para Oiticica, é um objeto a ser experienciado, construído, usufruído, e que ganha sentido na relação que o homem estabelece com ele. Sua arte está no mundo, assim como o

próprios estudantes as dimensões subjetivas das obras de ambos e como os dois inscreveram suas identidades em construção nos seus trabalhos. A partir desse contato inicial com as contextualizações acerca dos artistas, passei para o outro vértice da proposta de Barbosa, que seria o fazer, através das atividades propostas por mim, pensadas a partir das obras dos artistas. Juntamente com as atividades práticas, propus a reflexão (leitura) pelos estudantes daquilo que eles próprios realizaram e das obras dos artistas¹⁵ que eu fui gradualmente apresentando, como o manto e o dicionário de nomes de Bispo do Rosário e de uma instalação de Oiticica e seus “parangolés”.¹⁶

Creio que a proposta da abordagem triangular seja algo extremamente potente no ensino de Arte, principalmente considerando a abertura que o procedimento possibilita, pois a própria autora é enfática ao recusar a nomenclatura “metodologia triangular”, abrindo a perspectiva de que o educador insira sua prática da forma que desejar dentro desse triângulo do fazer, da leitura e da contextualização, já que não existe um “primeiro vértice” ou ordem pré-estabelecida. Como a própria autora enfatiza:

Culpo-me por ter aceitado o apelido e usado a expressão Metodologia Triangular em meu livro *A Imagem no Ensino da Arte*. Hoje, depois de anos de experimentação, estou convencida de que metodologia é construção de cada professor em sua sala de aula e gostaria de ver a expressão Proposta Triangular substituir a prepotente designação Metodologia Triangular em arte e em educação, problemas semânticos nunca são apenas semânticos, mas envolvem conceitualização. (BARBOSA, 1998, p. 33)

Esse fato de a “metodologia ser construção de cada professor em sala de aula” pode ser observado ainda também na atualização da abordagem triangular que a autora chama de proposta zigue-zague, na qual o educador realiza a proposta em zigue-zague nos vértices do triângulo, como, por exemplo, contextualização-leitura-contextualização-

mundo está na sua arte.” (Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>) Acesso em: 03 de dez. de 2022; enquanto Bispo do Rosário realiza um projeto pessoal messiânico de reconstrução do mundo por meio de sua arte, que também pode ser entendida como um reflexo das vivências do artista enquanto preso no manicômio.

¹⁵ Os artistas apresentados aos alunos nesse momento, Arthur Bispo do Rosário e Hélio Oiticica, eram pessoas de contextos completamente distintos, vindos de locais (classe social, raça e natalidade) muito diferentes, se inscreveram no mundo da Arte diferentemente e tinham poéticas dessemelhantes. Apenas os apresentei juntamente aos alunos porque vi uma semelhança entre ambos: uma perspectiva de junção de Arte e Vida numa mesma obra/experiência, mas a forma que ambos realizaram isso foi completamente díspar entre si.

¹⁶ “Os Parangolés são capas, faixas e bandeiras construídas com tecidos e plásticos, às vezes com frases políticas ou poéticas. Ao vestir, correr ou dançar com um Parangolé, a pessoa deixa de ser um espectador para se tornar parte da obra de arte.” (MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. MAM.RIO, c2019. Obras de Arte: Parangolés, 1964-1979. Disponível em: < <https://mam.rio/obras-de-arte/parangoles-1964-1979/> >. Acesso em: 22 de out. de 2022.)

fazer-contextualização. Essa atualização da abordagem pretende possibilitar ao docente uma maior maleabilidade ainda dentro de suas práticas para que possa solucionar problemáticas no decorrer de seus projetos pedagógicos.

Parece-me importante pontuar, que ao me debruçar sobre a Abordagem Triangular, tive uma reflexão em relação a um dos vértices: leitura. Quando penso na leitura dentro da proposta de Barbosa, vejo um processo reflexivo e cognitivo: sendo a leitura um “processo de construção de sentido por meio da interação dinâmica entre o conhecimento do leitor, a informação sugerida pelo texto e o contexto em que se dá a leitura” (LEITURA, in MICHAELIS, 2022), e sendo texto, assim, o objeto que está sendo lido, independe de ser escrito ou não, creio que a leitura possa se aplicar como uma reflexão também daquilo que foi realizado durante o “fazer”, já que a reflexão de si sobre sua própria obra, pensada num lugar de arte pessoal, que vem da individualidade de cada aluno(a), só é possível a partir da interação dos conhecimentos dos(as) alunos(as) sobre eles próprios e suas criações. Dessa forma, creio que a abordagem triangular pode ser utilizada para além de conhecimentos externos aos(as) alunos(as), àquilo que ainda não aprenderam, mas que pode ser utilizada também para se conhecerem e refletirem/analisarem suas vidas e seus conhecimentos.

4. Relato de atividades:

A sequência didática desenvolvida na escola foi pensada a partir de 4 aulas, cada uma com atividades distintas, mas que estabeleci diálogos entre elas e com as obras dos artistas escolhidos. Encontrei dificuldades em conseguir iniciar as atividades, pois tínhamos iniciado um outro trabalho com os(as) alunos(as), em sala de aula, que acabou se alongando muito mais do que esperávamos, por múltiplas razões: a atividade em si era muito trabalhosa e demandava detalhamentos dos estudantes, perda de todas as aulas de Arte durante uma semana em detrimento de jogos esportivos da disciplina de Educação Física e desconcentração dos(as) alunos(as) que os levou a se atrasarem no decorrer dos processos. Como poderia desenvolver, diante disso, uma sequência de propostas pedagógicas em um trabalho processual com tantas interferências a atravessando repetidamente e constantemente atrasando todos os nossos planos? ¹⁷

¹⁷ Além disso, vale ressaltar um certo descaso da Escola com a aula de Artes Visuais no que tem relação à perda de aulas em detrimento de outras atividades, pois o CEOP cedeu os horários de nossas aulas para a gincana da Educação Física, mas não ofereceu qualquer tipo de reposição, fato que foi comentado pela própria Professora Vanessa, ao dizer que acha muito importante para os(as) alunos(as) momentos como

Outro obstáculo encontrado no desenvolvimento do meu planejamento foi o fato de que na minha proposta de regência eles(as) deveriam trazer vestimentas próprias de casa, qualquer peça que gostassem e que pudessem alterar da forma que desejassem, como um cinto, uma camiseta, uma calça, um chapéu, etc., porém, no dia combinado, nenhum(a) dos(as) alunos(as) trouxe o material.

Sendo assim, na primeira aula em que, enfim, iniciei meu planejamento, mesmo sem os(as) alunos(as) trazerem o material, propus uma atividade de apresentação: a turma foi dividida em 4 grupos, 3 duplas e 1 trio, e a tarefa consistia em, primeiramente os colegas, mesmo se conhecendo, apresentarem-se para sua dupla ou grupo, dizendo quem são. Todos os membros dos grupos realizaram essa atividade entre si por 5 minutos.

Depois disso, cada aluno(a) dos grupos deveria apresentar seu colega para os outros da turma. Logo em seguida, pedi que realizassem a mesma atividade de apresentação novamente, mas dessa vez, deveriam falar suas impressões pessoais sobre quem são seus parceiros no exercício, tentando não repetir o que já havia sido dito por seus colegas sobre eles mesmos. Por fim, como um “para casa”, pedi que cada um escrevesse um pouco sobre o que havia sido falado sobre si mesmo, tanto do(a) aluno(a) sobre ele(a) mesmo(a), quanto do(a) colega para/com ele(a). Os(as) estudantes se engajaram muito na proposta, percebi que se divertiram bastante, e esse jogo, naquele momento, consegui fazer com que eles refletissem um pouco sobre quem são.

Figura 4: Jogo da apresentação, parte 1.



Fonte: acervo pessoal do autor.

esses de brincadeiras e integração, mas enquanto este espaço é aberto para outras disciplinas, a aula de Artes Visuais não consegue nem ao menos marcar reposição ou ter um horário especial expandido.

Gostaria, aqui, de destacar um momento da aula que me chamou a atenção: um dos(as) alunos(as) da turma, é uma pessoa com deficiência (PCD), embora não tenha tido acesso ou informações sobre o diagnóstico do aluno, sei que ele possui limitações, tanto físicas quanto cognitivas, que o impedem de desenvolver certas habilidades, como a leitura ou escrita. Desta forma me preocupei em pensar, para todas as atividades, maneiras que possibilitassem que L, o estudante, participasse.

Nessa atividade específica, o coloquei no único trio com outros dois alunos, um menino e uma menina, pois sabia que eram pessoas nas quais ele confiava e se sentiria confortável para trabalhar. A prática aconteceu perfeitamente para os três alunos, todos eles realizaram-na muito bem, sem qualquer tipo de constrangimento para nenhum deles. L, inclusive, pareceu se divertir muito e realizou a proposta, com o auxílio dos colegas, mas sem ter informações ou falas sopradas para que ele apenas as repetisse, como quando disse, por conta própria, que achava bonito o cabelo de G, seu colega de grupo.

Gostaria de ressaltar aqui a minha falta de preparação como educador em formação ao lidar com especificidades, como as de L, já que não há qualquer tipo de disciplina na graduação que possibilite, nós licenciandos, nos prepararmos para trabalharmos com as questões das pessoas com deficiência e nem mesmo a Escola parecia estar preparada para lidar com todas as particularidades do aluno.

Figura 5: Jogo da apresentação, parte 2.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Ao conversar, depois da aula, com a Professora Vanessa, ela me disse que acredita que propostas como essa são muito boas e importantes, pois, a maior parte dos(as) alunos(as), por serem filhos únicos e de famílias nucleares pequenas, acabam não refletindo ou percebendo como e quem são, pois seus pais já possuem uma ideia de quem seus(as) filhos(as) são e/ou devem ser, então eles(as) mesmos(as) não são motivados(as) a pensar sobre si. Essa é uma reflexão que eu ainda não havia realizado, mas acho pertinente perante ao que pude observar durante esses meses na escola.

Na segunda aula que pude reger, só duas estudantes do total de nove realizaram o trabalho de escrita em casa que havia sido pedido e somente três alunas trouxeram as peças necessárias para realizarmos a aula planejada. Considero, que o baixo engajamento dos estudantes com qualquer tarefa extraclasse relacionada à aula de Artes Visuais, principalmente com aquelas propostas pelos estagiários, parece ter relação, para mim, com uma consideração de des-importância da disciplina pelos próprios estudantes, reforçada pelos posicionamentos e interferências da própria instituição, fato aliado também com a perspectiva de uma autoridade menor para nós estagiários.

Dessa forma, iniciei o trabalho com essas três alunas, na sala de artes, enquanto a Professora supervisora e o outro estagiário estavam na sala de computação, ao lado, realizando outra atividade com a maior parte da turma. As alunas, V que trouxe uma capinha de celular e uma caixa de fones de ouvido, e K e A, que trouxeram um par de sapatos cada uma, passaram a trabalhar a partir de minhas instruções: fazer a customização do que trouxeram da forma e com os materiais que desejassem, fornecidos por nós, tendo em vista que as alterações que seriam feitas possuíam a intenção de expressar quem elas eram. Mesmo ao explicitar comandos como “não é uma atividade de simples customização, eu quero enxergar as suas personalidades nas alterações que vão fazer” e “pensem no que vocês amam, em quem amam” ou ao perguntar diretamente a elas o porquê das personalizações das peças de cada uma, fui recebido com indiferença às minhas instigações e a atividade acabou caindo num lugar de apenas uma oportunidade de “embelezar algum objeto meu”.

Ao perguntar para elas o motivo de decidirem fazer as customizações da maneira como foram feitas, as respostas das três alunas foram quase unânimes: “porque é *vibes*, bem TikTok”¹⁸. V, fez com caneta vermelha “manchas de sangue” na capinha de celular e desenhos imitando uma vaca na caixinha de fones. A, pensou em fazer um pôr do sol

¹⁸ Rede social de vídeos curtos.

em seu sapato, mas acabou apenas pintando certas partes dele com tinta acrílica azul clara e depois colou glitter em outras partes, fazendo estrelas de purpurina nas pontas. Por fim, K decidiu customizar seu tênis com imagens que lembram a série *Stranger Things*¹⁹.

Como percebi a falta de reflexão das alunas sobre o que estavam fazendo, mesmo enquanto eu as questionava sobre suas atividades pessoais, pedi que elas escrevessem em casa o porquê de estarem fazendo o que estavam fazendo e como que isso era uma forma delas expressarem suas subjetividades. Além dessa nova instrução, as apresentei ao dicionário de nomes, presente no interior do “Manto de Apresentação” de Arthur Bispo do Rosário, e pedi que escrevessem os nomes das pessoas que são importantes para elas nas partes internas dos seus objetos. V escreveu apenas o nome da irmã, A escreveu o nome da mãe e da avó e K escreveu apenas o próprio nome.

Figura 6: Atividade de singularização das vestimentas.



Fonte: compilação do acervo do próprio autor.

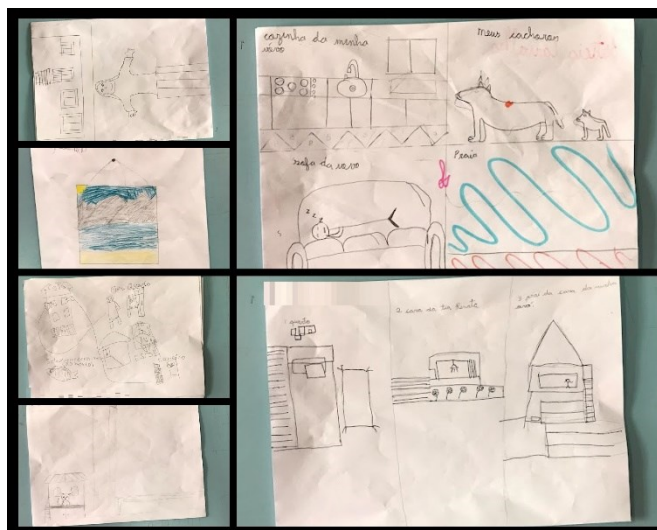
Na terceira e última atividade que pude realizar, a aula foi dividida em dois momentos: no primeiro, apresentei o mapa afetivo aos estudantes, descrevendo e mostrando a eles a presença de mapas na obra de Bispo do Rosário, ou seja, não eram mapas geográficos concretos, mas sim, mapas dos afetos e dos lugares que haviam sido importantes em nossas vidas, mapas formado por desenhos e palavras em diálogos com nossas subjetividades.

¹⁹ Série de drama paranormal estadunidense sobre adolescentes nos anos 1980 numa cidadezinha no estado de Indiana.

Após essa apresentação, pedi que realizassem a atividade de desenho individualmente, nas folhas as quais distribui para eles. Os resultados foram ótimos, pude ver desenhos como o de S, que colocou até mesmo o lugar do enterro do seu falecido peixinho de estimação no mapa e de R, que colocou seu pai na plataforma de petróleo no qual trabalha.

Um fato que acho interessante destacar é como cada aluno(a) imprimiu sua visão de mundo no desenho que realizou. Pude ver K sorrindo deitada no sofá de sua avó e R triste por não poder passar mais tempo com seu pai. No segundo momento da atividade, pedi que os estudantes desenhassem, coletivamente, numa folha de papel kraft que levei, um a lembrança dos passos de Ouro Preto ou do lugar que morassem, pois muitos(as) alunos(as) residem fora da cidade. Na medida que a outra atividade foi um sucesso, essa apresentou problemas: na mesma hora que disse que era um mapa afetivo da cidade que moravam, ouvi um “Ai que bosta!” de uma das alunas. Outros estudantes disseram, “Mas eu não gosto de nada daqui!” ou frases similares. Todos acabaram desenhando, mas alguns repetiram o que haviam desenhado já individualmente, como dois meninos que desenharam campos de futebol e R, que desenhou sua casa novamente. Poucos lugares novos apareceram, mas pude ver um restaurante desenhado por M, o campus do Morro do Cruzeiro da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) desenhada por S e a Praça Tiradentes desenhada por C.

Figura 7: mapas dos(as) alunos(as).



Fonte: compilação do acervo do próprio autor.

Fico me perguntando o porquê desses(as) alunos(as) receberem com tanto repúdio a ideia de afeto aos locais onde vivem. Penso que talvez o espaço urbano se torne, cada vez mais, um local inóspito para as crianças, pois perdem-se praças, parques e outros locais públicos comunitários em favor da iniciativa privada, estacionamentos, etc. Porém, é importante lembrar que esse espaço, a cidade, é também deles, pois, afinal, eles são cidadãos em construção.

5. Considerações sobre os processos:

Desde quando iniciei minhas atividades no Centro Educacional Ouro Preto recebi aprovação da administração da escola para realizar minhas atividades de regência como desejasse, porém não foi assim que aconteceu. Mesmo buscando manter minhas práticas pedagógicas alinhadas aos projetos da própria instituição, fui impossibilitado múltiplas vezes de conseguir seguir meus trabalhos, pois a Escola pedia que realizássemos outras atividades com os(as) alunos(as) durante o tempo das aulas de Artes Visuais, mostrando um intenso desrespeito com a disciplina e nosso trabalho.

Em todas as turmas que ministrei aulas, entre o mês de agosto e outubro, perdemos três semanas de práticas planejadas, porque tivemos que realizar outras atividades durante o horário das aulas de Artes Visuais: em agosto tivemos que realizar uma oficina de fabricação de cartões para o Dia dos Pais com os(as) alunos(as), em setembro nos foi solicitado que usássemos a aula de Artes Visuais para a gincana da escola e em outubro, na comemoração do Dia das Crianças, nos foi designado realizar oficinas de fabricação de *slime*²⁰ com o quinto ano e fabricação de massinha com todas as outras turmas. Tanto essa última atividade quanto as oficinas de cartões para o Dia dos Pais foram passadas para a Professora Vanessa de última hora, todas as vezes por mensagens de celular, ou durante o final de semana, ou ainda na segunda-feira de manhã, antes das nossas aulas que aconteciam no período da tarde.

Nenhuma dessas propostas é diretamente ligada à aula de Artes Visuais, mas sempre somos nós que temos que ceder nosso pouco tempo semanal para realizar outras tarefas, isso mesmo quando existem outros(as) professores(as) que não são regentes de turmas e possuem mais de uma aula semanal com cada série, mas que nunca precisam ceder suas aulas para essas atividades. Além disso, sempre que pedíamos horários extras

²⁰ *Slime* é uma massa gelatinosa feita a partir da mistura de alguns produtos comuns, como cola branca, espuma de barbear, talco, borato de sódio, etc.

para continuarmos nosso trabalho que foi interrompido por essas situações, fomos negados. Como Maria Janaina Piedade Souza pontua em “Dificuldades para o ensino de artes: o que dizem os professores”:

A terceira razão informada como geradora de dificuldades foi a reduzida carga horária aliada ao número excessivo de alunos em sala. Conforme Jesus e colaboradores (2008, p.3), mesmo na atualidade, práticas polivalentes são efetivadas pelos professores no ensino de artes, que precisam lidar, ainda, com “[...] horária insuficiente. Esses problemas acabam reduzindo o ensino de artes, e das demais linguagens, a atividades superficiais, alheias a um propósito educacional realmente significativo”. (SOUZA, 2017, p. 7-8)

Não há maneira de pensarmos e realizarmos um ensino de Arte de qualidade se a disciplina é constantemente utilizada para outros fins que não são necessariamente pedagógicos ou atribuições da disciplina de Artes Visuais. Todo e qualquer processo de aprendizagem será atrasado e deturpado com situações como essa. O problema se agrava ainda mais quando consideramos que só há uma aula de Artes Visuais, para cada turma semanalmente, além do horário não ser mais que 50 minutos, o que limita em muito as perspectivas do que pode ser realizado em tão curto espaço de tempo uma vez a cada semana.

Para Bittar (2007), a carga horária pode ser apontada como uma das formas de desvalorização do professor de arte, principalmente quando se analisa o horário das aulas. No máximo são atribuídas duas horas aulas semanais para a disciplina, geralmente alocadas em dias diferentes, dificultando a continuidade do trabalho docente e sobrecarregando o professor. (SOUZA, 2017, p. 8)

Souza ainda traz mais observações de como o tempo é pouco nas aulas de Arte e sobre como ele é danificado naturalmente pela falta de tempo que nos é imposta:

Os problemas são numerosos e reais, atravancando as possibilidades de os professores desenvolverem um trabalho mais adequado. O tempo reduzido para ministrar a disciplina é um fator incontestável, pois o ensino de arte é, aparentemente, minimizado nas repercussões impressas na formação do educando. (SOUZA, 2017, p. 9)

A escola tenta constantemente mostrar como valoriza as Artes ao ter no currículo três das quatro grandes áreas que se espera que o ensino de Arte cubra: Teatro, Artes Visuais e Música, mas não parece se esforçar para dar condições para que essas disciplinas tenham as mesmas qualidades e benefícios que outras matérias acabam tendo.

Acredito também que outro fator que deve ser levado em consideração é o fato de que os alunos(as), mesmo me respeitando como figura de autoridade dentro da sala de aula, me respeitam menos do que comparado aos(às) Professores(as). Digo isso pela forma que me tratam, com respeito e entendem minha autoridade quando reço a aula, porém não realizam as tarefas de casa que eu peço, mesmo quando é algo reforçado pela escola e notificado aos pais, porém quando a Professora Vanessa pede que tragam algo, a maior parte da turma acaba acatando a solicitação. Também vale considerar que talvez, o fato de ser uma atividade relacionada à aula de Artes, fez com que os(as) alunos(as) diminuíssem a importância da realização das atividades extraclasse, pois mesmo quando a Professora Vanessa pediu um material específico para Mostra de Processos, alguns(algumas) alunos(as) demoraram meses para trazerem os objetos.

Outro fato, que sem dúvida, temos que considerar, é a relação desses estudantes com a tecnologia: eles passaram 2 anos em aulas remotas por causa da pandemia da COVID-19²¹ - provavelmente tinham sete ou oito anos quando o isolamento social se iniciou. Com a influência do TikTok tão presente em suas falas e brincadeiras, como não indagar sobre a influência da rede em suas vidas? A identidade deles se fez e se faz mediada pela internet e mídias sociais de maneira muito expressiva, mas não poderia ser de outra forma: com quase dois anos de isolamento social, muitas vezes sem o contato de outras crianças, os(as) alunos(as) construíram outras formas de se relacionar com o mundo, mundo esse que reflete e reproduz cada vez mais a internet e seus meios, já que a indústria cultural é ditada pela cultura de massa da internet.

Certamente a pandemia, o isolamento e a internet afetaram as redes de afeto desses estudantes, fato tão importante para a construção de nossas identidades, já que somos um pouco daqueles que estão ao nosso redor também. Não posso deixar de pensar nisso quando reflito sobre o dicionário de nomes das alunas que realizaram a atividade de customização, pois elas escreveram poucos nomes, ou mais importante, não escreveram nomes de pessoas que seriam esperados normalmente: mãe, pai, avós, irmãos e amigos. As situações familiares atravessam profundamente os(as) alunos(as), não nos esqueçamos disso, pois precisamos ir mais e mais fundo para conseguir acessá-los.

E para ir mais fundo, precisamos de tempo para desenvolver nosso trabalho. Eu como estagiário no CEOP encontrei muitas limitações, sendo uma delas o próprio tempo: caso tivesse realizado as minhas cinco aulas planejadas originalmente, uma a cada

²¹ A pandemia do coronavírus (COVID-19) foi uma pandemia global causada pelo vírus SARS-CoV-2 e teve gerou uma crise generalizada nos anos de 2020 e 2021.

semana, considero que teria um saldo ainda mais positivo em relação à experiência, já que ela se mostrou bem sucedida em pontos, mesmo contra todas as problemáticas transcorridas durante as regências. Sendo assim, penso que uma sequência didática mais longa do que o planejamento idealizado primeiramente seria o mais aconselhável, pois acredito que um processo sobre a identidade necessita de um tempo dilatado, já que a sua construção é o trabalho de uma vida toda.

Retorno aqui à pergunta e objetivo do título dessa pesquisa e indago: os(as) alunos(as) se apresentaram? Digo que sim, se apresentaram. De uma maneira muito diferente daquela que eu esperava conseguir fazer com que eles se revelassem, mas sim se mostraram. Posso considerar que fazem parte de uma geração que provavelmente apresentará por muito tempo ainda sequelas causadas pelo excesso de vida online, falta de contato interpessoal físico e falta de afetos sólidos. Apresentaram-se, mas estão completamente imersos na liquidez da modernidade que Bauman aponta, já que reproduzem como parte de si exatamente o que o capitalismo chove sobre eles, como a nova *trend* do TikTok e a série popular do serviço de *streaming*, enquanto parecem recusar o mundo a sua volta: o lugar onde moram é uma “bosta” porque não tem nada de legal e as pessoas que os rodeiam todos os dias não fazem parte de seus afetos, como pude perceber pelas atividades relatadas acima. Essas recusas e a intensa fluidez da modernidade impedem a tomada de posse de suas autonomias, afinal, como podem ser autônomos num mundo inconstante no qual eles não conseguem não se confundirem com toda as outras pessoas? Não acredito que a cristalização absoluta dos indivíduos seja a resposta para qualquer questão levantada aqui, precisamos de fluxo para as trocas com os outros acontecerem, porém um estado de absoluta liquidez que nos é imposto pelo capitalismo globalizado, sem pontos fixos, intervém diretamente na construção da subjetividade, pois causa uma diluição das identidades.

Além disso, não há maneiras de um trabalho que pretendia desafiar o próprio estado em que o mundo se encontra ser bem sucedido quando não há continuidade dele, à medida que a própria instituição escolar acabava por frustrar os processos, que acabaram sendo constantemente atrasados, encurtados e interrompidos. Somado à essa situação, ainda encontrar uma apatia e falta de engajamento discente nas atividades propostas. Creio que as questões que levanto durante a minha pesquisa, vão além da temática da identidade, subjetividade e autonomia, pois, ao analisar as circunstâncias ocorridas durante o trabalho, refletem sobre muitos dos problemas que sofre a Arte-Educação dentro da Escola.

Bibliografia:

BARBOSA, A. M. Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 2, p. 59-64, 1995. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i2p59-64. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36136>. Acesso em: 23 out. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Claudia Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 23 out. 2022.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, (Acesso em: 22 de out. de 2022.) n.30, p.17-31, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.uneb.br/revistadafaceba/files/2011/05/numero30.pdf>. Acesso em 23/10/2022.

COSTA FILHO, J. A. V. **Arthur Bispo do Rosário: uma poética em processo**. 155p. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/5514>> Acesso em 23 de outubro de 2022.

FIGUEIREDO, Alda de Moura Macedo. **Manto da Apresentação: Arthur Bispo do Rosário em diálogo com Deus**. 127p. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte. Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2010. Disponível em: <http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2010_alda_figueiredo.pdf> Acesso em 23 de outubro de 2022.

MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. **Obras de Arte: Parangolés, 1964-1979**. Disponível em:<<https://mam.rio/obras-de-arte/parangoles-1964-1979/>>.

SOUZA, Maria Janaina Piedade. **Dificuldades para o ensino de artes: o que dizem os professores**. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/36475>>. Acesso em: 23/10/2022